

UM NOVO MUNDO

ECKHART TOLLE

UM NOVO MUNDO  
DESPERTAR PARA A ESSÊNCIA DA VIDA

Tradução de  
MARGARIDA PACHECO NUNES



*This is a Namaste Publishing Book.*

## CAPÍTULO

# 1

## O FLORESCIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

### *Evocação*

Estamos no planeta Terra há 114 milhões de anos, minutos após o amanhecer: a primeira flor a aparecer no planeta desabrocha para acolher os raios de Sol. Antes deste acontecimento tão marcante, que representa uma transformação evolucionária na vida das plantas, o planeta já se encontrava coberto de vegetação há milhões de anos. A primeira flor provavelmente não sobreviveu muito tempo, e as flores devem ter permanecido fenômenos raros e isolados, uma vez que as condições ainda não seriam favoráveis à ocorrência de um florescimento mais amplo. Um dia, porém, foi atingido um limiar crítico e, de súbito, deve ter-se dado uma explosão de cores e fragrâncias por todo o planeta — se houvesse uma consciência perceptível presente para a testemunhar.

Muito mais tarde, estas criaturas delicadas e perfumadas a que chamamos flores iriam desempenhar um papel crucial na evolução da consciência de outra espécie. Os seres

humanos foram-se sentindo cada vez mais atraídos e fascinados por elas. À medida que a sua consciência se desenvolvia, as flores devem ter sido a primeira coisa sem fins utilitários a ser apreciada pelos seres humanos, isto é, sem estar relacionada com a sua sobrevivência. Tornaram-se fonte de inspiração para numerosos artistas, poetas e místicos. Jesus diz-nos para contemplar as flores e aprender com elas a viver. Diz-se que Buda deu uma vez um «sermão em silêncio», durante o qual pegou numa flor e a contemplou. Algum tempo depois, um dos presentes, um monge chamado Mahakashyapa, começou a sorrir. Diz-se que foi ele o único a compreender o sermão. Segundo reza a lenda, este sorriso (ou seja, esta compreensão) foi transmitido sucessivamente por vinte e oito mestres e, muito mais tarde, tornou-se a origem do zen.

Ver a beleza numa flor conseguia despertar os seres humanos, ainda que por um breve momento, para a beleza que faz parte integrante da sua essência mais profunda, da sua verdadeira natureza. O primeiro reconhecimento da beleza foi um dos acontecimentos mais importantes na evolução da consciência humana. Os sentimentos de alegria e amor estão intrinsecamente relacionados com esse reconhecimento. Sem estarmos totalmente conscientes disso, as flores tornar-se-iam para nós uma expressão corpórea daquilo que é mais elevado, mais sagrado e, em última análise, que não tem forma dentro de nós próprios. As flores, que são mais efémeras, mais etéreas e mais delicadas do que as plantas de onde emergem, tornar-se-iam uma espécie de mensageiras de uma outra dimensão, uma ponte entre o mundo das formas físicas e o mundo sem forma. Não só

tenham um aroma delicado e agradável para os seres humanos, como também exalavam uma fragrância do reino do espírito. Se empregarmos a palavra «iluminação» num sentido mais abrangente do que o aceite convencionalmente, podemos olhar para as flores como a iluminação das plantas.

É possível qualquer forma de vida, de qualquer reino — mineral, vegetal, animal ou humano —, passar por uma experiência de «iluminação». Contudo, é um acontecimento muitíssimo raro, pois representa mais do que um progresso evolucionário: implica também uma descontinuidade no seu desenvolvimento, um salto para um nível completamente diferente do Ser e, acima de tudo, um desprendimento da materialidade.

O que pode ser mais pesado e mais impenetrável do que uma rocha, a mais densa das formas? Não obstante, algumas rochas sofrem uma mudança na sua estrutura molecular, transformam-se em cristais e, por conseguinte, tornam-se transparentes à luz. Alguns carbonos, sob um calor e uma pressão incríveis, transformam-se em diamantes, e alguns minerais pesados noutras pedras preciosas.

A maior parte dos répteis rastejantes, de todas as criaturas as mais ligadas à terra, permaneceram inalterados ao longo de milhões de anos. Porém, a alguns cresceram penas e asas, desafiando assim a força da gravidade que durante tanto tempo os aprisionara e transformando-os em aves. Não desenvolveram novas formas de rastejar ou andar; transcenderam antes este tipo de locomoção.

Desde tempos imemoráveis, as flores, os cristais, as pedras preciosas e os pássaros têm ocupado um lugar especial no espírito humano. Como todas as formas de vida, são

evidentemente manifestações temporárias da Vida única essencial, da Consciência única. O seu significado especial e a razão pela qual os seres humanos sentiram tamanho fascínio e afinidade por elas podem ser atribuídos à sua natureza etérea.

Quando existe um certo nível de Presença, paz e atenção consciente nas percepções de um ser humano, este é capaz de sentir a essência divina da vida, a consciência única ou o espírito único que habita dentro de todas as criaturas e todas as formas de vida, reconhecendo-a como uma com a sua própria essência e sendo, por isso, capaz de a amar como a si próprio. Contudo, até este nível ser atingido, a maior parte dos seres humanos vê apenas as formas exteriores, sem ter consciência da essência interior nem da sua própria essência, identificando-se apenas com a sua forma física e psicológica.

Porém, no caso de uma flor, de um cristal, de uma pedra preciosa ou de um pássaro, mesmo um ser humano com pouca ou nenhuma Presença é capaz de sentir ocasionalmente que há algo mais para além da mera existência física dessa forma, sem saber que este é o motivo pelo qual é atraído por ela e sente uma afinidade com ela. Devido à sua natureza etérea, estas formas ensombram o espírito que habita no nosso interior em menor grau do que outras formas de vida. A exceção a esta regra são todas as formas de vida recém-nascidas — bebês, cachorrinhos, gatinhos, cordeiros e assim por diante. São frágeis, delicadas e ainda não estão firmemente enraizadas na materialidade. Ainda conseguem irradiar uma inocência, uma doçura e uma beleza que não pertencem a este mundo. Chegam mesmo a fazer as delícias de seres humanos relativamente insensíveis.

Quando estamos alerta e contemplamos uma flor, um cristal ou um pássaro sem o rotular mentalmente, este torna-se uma porta de entrada para o mundo sem forma. Existe uma abertura interior, por mais ténue que seja, que dá acesso direto ao reino do espírito. Esta é a razão pela qual estas três formas de vida «iluminadas» desempenharam um papel tão importante na evolução da consciência humana desde tempos antigos; esta é a razão pela qual, por exemplo, a joia na flor de lótus é um dos símbolos fundamentais do Budismo e a pomba branca representa o Espírito Santo no Cristianismo. Estas formas de vida têm estado a preparar terreno para uma mudança mais profunda na consciência planetária destinada a realizar-se na espécie humana. Estamos a começar a testemunhar o despertar espiritual.

### *O intuito deste livro*

Estará a Humanidade preparada para uma transformação da consciência, um florescimento interior tão radical e profundo que, comparado com ele, o florescimento das plantas, por mais belo que seja, não passa de um pálido reflexo? Serão os seres humanos capazes de perder a densidade das suas estruturas mentais condicionadas e tornar-se iguais aos cristais ou às pedras preciosas, ou seja, transparentes à luz da consciência? Serão os seres humanos capazes de desafiar a atração gravitacional do materialismo e da materialidade e elevar-se acima da identificação com a forma que alimenta o ego e os condena à prisão da sua própria personalidade?

A possibilidade de tal transformação tem sido a mensagem central dos mais sábios ensinamentos da Humanidade.

Os mensageiros — Buda, Jesus e outros, nem todos eles conhecidos — foram as primeiras flores da Humanidade. Foram pioneiros, seres raros e preciosos. Um florescimento mais amplo ainda não era possível na altura em que viveram e a sua mensagem foi muitas vezes mal interpretada e distorcida. É evidente que não transformou o comportamento humano, exceto numa pequena minoria de pessoas.

Estará a Humanidade mais preparada agora do que estava na época destes primeiros mestres? Então porquê? O que podemos fazer para provocar ou acelerar esta mudança interior? O que caracteriza o antigo estado de consciência egoica e através de que sinais podemos reconhecer a nova consciência em desenvolvimento? Estas e outras questões essenciais serão debatidas no presente livro. Acima de tudo, o próprio livro é um instrumento de transformação saído da nova consciência que se está a formar. As ideias e os conceitos aqui apresentados podem ser importantes, mas são secundários. Não passam de meras indicações sobre a direção do despertar. À medida que for lendo, uma mudança ocorrerá dentro de si.

O principal objetivo deste livro não é impor novas informações ou crenças à sua mente nem tentar convencê-lo de nada, mas sim dar origem a uma mudança de consciência, isto é, a um despertar. Neste sentido, não é um livro «interessante». Interessante implica que podemos manter a nossa distância, brincar com ideias e conceitos na nossa mente, concordar ou discordar. Este livro é sobre si. Pode mudar o seu estado de consciência ou não ter qualquer significado. Só os que estiverem preparados poderão despertar. Nem todos estão preparados, mas muitos já começam a estar, e, à medida que mais pessoas vão despertando, o impulso vai crescendo na consciência coletiva e o despertar

dos outros tornar-se-á mais fácil. Se não sabe o que quer dizer «despertar», continue a ler. Só despertando é que consegue saber o verdadeiro significado desta palavra. Um vislumbre é o suficiente para dar início ao processo de despertar, que é irreversível. Para alguns, esse vislumbre surgirá ao ler este livro. Para muitos outros, que podem ainda não se ter apercebido disso, o processo já começou. Este livro poderá ajudá-los a reconhecê-lo. Em alguns casos, o processo pode ter começado através da perda ou do sofrimento, noutros através do contacto com um mestre ou uma doutrina espiritual, através da leitura de *O Poder do Agora*<sup>1</sup> ou de outro livro espiritualmente vivo e, conseqüentemente, capaz de transformar as pessoas — ou de qualquer combinação destes fatores. Se o processo de despertar já se tiver iniciado em si, a leitura deste livro irá acelerá-lo e intensificá-lo.

Uma parte crucial do despertar é o reconhecimento de um eu adormecido, o ego que pensa, fala e age, bem como o reconhecimento dos processos mentais condicionados coletivamente que perpetuam o estado de adormecimento. Em virtude disso, este livro revela os principais aspetos do ego e o modo como operam a nível individual e coletivo. Isto é importante por duas razões relacionadas entre si: a primeira é que, se não conhecermos o mecanismo básico de funcionamento do ego, não seremos capazes de o reconhecer e ele continuará a maquinizar estratégias para nos

---

<sup>1</sup> Tolle, Eckhart; *O Poder do Agora: Guia para o Crescimento Espiritual*, trad. Elvira Vaz, 2.<sup>a</sup> ed., Editora Pergaminho, Cascais, 2003. (N. da T.)

levar a identificar-nos com ele. Isto significa que ele se apodera de nós, que é um impostor a fazer-se passar por nós. A segunda razão é que o ato de reconhecimento em si é uma das formas que dá origem ao despertar. Quando reconhecemos a nossa falta de consciência, o que torna esse reconhecimento possível é a consciência em desenvolvimento, é o despertar. Não podemos lutar contra o ego e vencer, tal como não podemos lutar contra as trevas. Não é preciso mais nada, apenas a luz da consciência. E você é essa luz.

### *A disfunção que herdámos*

Se nos debruçarmos mais profundamente sobre as antigas religiões e tradições espirituais da Humanidade, chegaremos à conclusão de que, apesar das muitas diferenças superficiais existentes, há dois princípios básicos com que todas elas concordam. As palavras usadas para descrever estes princípios diferem, mas todas apontam para a mesma verdade fundamental, que está dividida em duas partes. A primeira parte desta verdade é a percepção de que o estado de espírito «normal» da maior parte dos seres humanos contém uma forte componente do que podemos chamar de disfunção ou até loucura. Certas doutrinas que estão na base do Hinduísmo talvez estejam mais próximas de considerar esta disfunção como uma forma de doença mental coletiva. Chamam-lhe *maya*, o véu da ilusão. Ramana Maharshi, um dos maiores sábios indianos, afirma, sem cerimónias: «A mente é *maya*.»

O Budismo utiliza termos diferentes. Segundo Buda, a mente humana, no seu estado normal, gera *dukkha*, que

pode ser traduzido por sofrimento, insatisfação ou simplesmente tristeza. Ele vê este conceito como uma característica da condição humana. Onde quer que vamos, o que quer que façamos, diz Buda, encontraremos sempre *dukkha*, que se manifesta mais cedo ou mais tarde em todas as situações.

Segundo a doutrina cristã, o estado coletivo normal da Humanidade é o estado de «pecado original». *Sin* [pecado] é uma palavra que já foi muito mal compreendida e interpretada. Traduzido à letra do grego antigo, em que o Novo Testamento foi escrito, o verbo *to sin* significa falhar o alvo, como pode acontecer a um arqueiro, por isso *to sin* significa *não acertar no objetivo* da existência humana<sup>1</sup>. Significa viver inexperientemente, cegamente e, por conseguinte, sofrer e causar sofrimento. Despojado da sua carga cultural e das suas interpretações errôneas, este termo aponta novamente para a disfunção inerente à condição humana.

Os feitos realizados pela Humanidade são impressionantes e insofismáveis. Criámos sublimes obras de música, literatura, pintura, arquitetura e escultura. Na História mais recente, a ciência e a tecnologia provocaram mudanças radicais no nosso modo de vida e permitiram-nos fazer e criar coisas que teriam sido consideradas miraculosas há duzentos anos. Não restam dúvidas: a mente humana é extremamente inteligente. Porém, esta mesma inteligência está manchada pela loucura. A ciência e a tecnologia reforçaram o impacto destrutivo que a disfunção da mente humana

---

<sup>1</sup> Falhar o alvo é um dos significados do verbo inglês «*to sin*»; este significado não encontra correspondência com os significados do verbo equivalente em português, «pecar», fazendo sentido apenas no contexto anglo-saxónico. (N. da T.)

tem sobre o planeta, sobre outras formas de vida e sobre os próprios seres humanos. É por isso que o século xx é o período em que esta disfunção, esta demência coletiva, pode ser mais claramente reconhecida. Outra razão deve-se ao facto de esta disfunção ser por si só um fator de intensificação e aceleração.

A Primeira Guerra Mundial estalou em 1914. As guerras destrutivas e cruéis, motivadas pelo medo, pela ganância e pelo desejo de poder, têm sido acontecimentos recorrentes ao longo da História da Humanidade, tal como a escravatura, a tortura e a violência generalizada infligida por motivos religiosos e ideológicos. Os seres humanos sofreram mais às mãos de outros seres humanos do que devido a desastres naturais. Contudo, por volta do ano de 1914, a inteligentíssima mente humana não só tinha inventado o motor de combustão interna, como também tinha produzido tanques, bombas, metralhadoras, submarinos, lança-chamas e gases venenosos. A inteligência ao serviço da loucura! Na equilibrada guerra de trincheiras em França e na Bélgica, milhões de homens morreram para que fosse possível ganhar apenas alguns quilómetros de lama. Quando a guerra terminou em 1918, os sobreviventes verificaram com horror e incompreensão a devastação que tinham deixado para trás: dez milhões de seres humanos mortos e muitos mais mutilados ou desfigurados. A demência humana nunca tivera um efeito tão destrutivo, tão claramente visível... E ainda mal sabiam que isto era apenas o início...

Até ao final do século xx, o número de pessoas que soçobraram por morte violenta às mãos de outros seres humanos elevar-se-ia até mais de cem milhões. Morreram não só devido às guerras entre nações, mas também devido aos

extermínios em massa e genocídios, como o assassinio de vinte milhões de «inimigos de classe, espiões e traidores» na Rússia soviética de Estaline ou os horrores indescritíveis do holocausto na Alemanha nazi. Morreram igualmente em inúmeros conflitos internos menores, por exemplo, na Guerra Civil Espanhola, ou durante o regime do Khmer Vermelho no Camboja em que um quarto da população do país foi dizimada.

Basta-nos ver as notícias todos os dias na televisão para percebermos que a loucura não acalmou e continua a grasar no século XXI. Outro aspeto da disfunção coletiva da mente humana é a violência sem precedentes que os seres humanos estão a infligir sobre outras formas de vida e sobre o próprio planeta — a destruição das florestas que produzem oxigénio e de outras formas de vida vegetais e animais, os maus-tratos causados aos animais nas quintas de produção em massa e a contaminação dos rios, dos oceanos e do ar. Levados pela ganância, e ignorando a sua ligação ao todo, os seres humanos insistem num tipo de comportamento que, se se mantiver descontrolado, só poderá resultar na sua própria destruição.

As manifestações coletivas da loucura, que reside no cerne da condição humana, constituem a maior parte da História da Humanidade. É, em grande medida, uma História de loucura. Se a História da Humanidade fosse o historial clínico de um único ser humano, o diagnóstico teria de ser: ilusões paranoicas crónicas, uma propensão patológica para cometer homicídios e atos de violência extrema e crueldade contra aqueles que são considerados «inimigos» — a sua própria falta de consciência é projetada para o exterior. Falamos assim de uma demência criminosa com breves intervalos de lucidez.

O medo, a ganância e o desejo de poder são as forças psicológicas que sustentam a guerra e a violência entre nações, tribos, religiões e ideologias, além de serem também a causa de incessantes conflitos nas relações pessoais. Provocam uma distorção na nossa percepção de nós próprios e das outras pessoas. São elas que nos levam a interpretar mal uma situação, conduzindo a ações despropositadas concebidas para nos libertar do medo e satisfazer a nossa necessidade de *mais*, que é um poço sem fundo.

Porém, é importante realçar que o medo, a ganância e o desejo de poder não são a tal disfunção de que estamos a falar, mas sim o seu produto. Esta disfunção é uma ilusão coletiva profundamente enraizada na mente de cada ser humano. Há uma série de ensinamentos espirituais que nos aconselham a abandonar o medo e o desejo, mas estas práticas espirituais geralmente não dão resultado. Não vão à raiz da disfunção. O medo, a ganância e o desejo de poder não são os principais fatores causais. Tentarmos ser seres humanos bons ou melhores parece uma coisa louvável e de sentimentos nobres, mas é um esforço pelo qual não obtemos frutos, se não se verificar uma mudança na consciência. Esta tentativa ainda faz parte da mesma disfunção, é uma forma mais subtil e invulgar de narcisismo, de querer obter sempre mais, de desejar uma consolidação da nossa identidade conceptual, da imagem que criamos de nós próprios. Não nos tornamos bons tentando ser bons, mas encontrando a bondade que já existe dentro de nós e deixando-a vir à superfície. Porém, tal só é possível se algo de fundamental mudar no nosso estado de consciência.

A história do comunismo, originalmente inspirado em ideais nobres, ilustra de forma clara o que acontece quando

as pessoas tentam mudar a realidade exterior — criar um novo mundo — sem terem promovido anteriormente uma mudança na sua realidade interior, no seu estado de consciência. Fazem planos sem ter em conta a garantia de disfunção que todos os seres humanos carregam consigo: o ego.

### *O despertar de uma nova consciência*

A maior parte das religiões e tradições espirituais antigas partilham o mesmo princípio, ou seja, que o nosso estado de espírito «normal» é manchado por um defeito fundamental. No entanto, deste princípio da natureza da condição humana — ao qual podemos chamar a má notícia — deriva um segundo princípio: a boa notícia da possibilidade de uma transformação radical da consciência humana. Na doutrina hindu (e, por vezes, também na doutrina budista), designa-se esta transformação por *iluminação*. Na doutrina de Jesus, corresponde à *salvação* e, no Budismo, constitui *o fim do sofrimento*. *Libertação* e *despertar* são outros termos igualmente utilizados para descrever esta transformação.

O maior feito realizado pela Humanidade não está relacionado com o que ela conseguiu atingir na arte, na ciência ou na tecnologia, mas com o reconhecimento da sua própria disfunção, da sua própria loucura. Num passado remoto, este reconhecimento foi efetuado por alguns indivíduos. Um indivíduo chamado Siddhartha Gautama, que viveu há 2600 anos na Índia, foi talvez o primeiro a vê-lo com toda

a clareza. Mais tarde, foi-lhe conferido o título de Buda. À letra, *Buda* significa «o desperto». Sensivelmente na mesma altura, surgiu na China outro dos primeiros mestres iluminados. Chamava-se Lao-Tsé. Lao-Tsé deixou registo dos seus ensinamentos num dos livros espirituais mais profundos alguma vez escritos: o *Tao Te Ching*.

Reconhecemos a nossa própria insanidade é, obviamente, o primeiro passo a dar para alcançar a sanidade mental, o início do processo de cura e transcendência. Uma nova dimensão de consciência começou então a emergir no planeta, uma primeira tentativa de florescimento. Estes indivíduos extraordinários falaram com os seus contemporâneos. Falaram do pecado, do sofrimento, da ilusão. Disseram: «Observa o modo como vives. Olha para o que estás a fazer, para o sofrimento que crias.» Então, apontaram para a possibilidade de um despertar do pesadelo coletivo da existência humana «normal». Indicaram o caminho.

O mundo ainda não estava preparado para compreender as suas palavras e, no entanto, eles tiveram um papel vital e necessário para o despertar da Humanidade. Inevitavelmente, foram quase sempre mal interpretados pelos seus contemporâneos, bem como pelas gerações seguintes. Os seus ensinamentos, apesar de simples e poderosos, foram distorcidos e mal interpretados, em alguns casos, inclusivamente no momento em que eram registados por escrito pelos seus discípulos. Ao longo dos séculos, foram acrescentadas muitas coisas que nada têm a ver com os ensinamentos originais, equivalendo a reflexos de uma má interpretação de raiz. Alguns dos mestres foram ridicularizados, insultados ou mortos; outros passaram a ser venerados como deuses. Os ensinamentos que apontavam o caminho para lá

da disfunção da mente humana e que permitiriam sair desta loucura coletiva foram distorcidos e tornaram-se eles próprios parte integrante da loucura.

Foi deste modo que as religiões se tornaram, em grande medida, forças de divisão em vez de forças de união. Em lugar de eliminarem a violência e o ódio através da percepção da unicidade fundamental de toda a vida, deram origem a mais violência e mais ódio, a mais divisões entre as pessoas, bem como entre diferentes religiões e até dentro da mesma religião. Converteram-se em ideologias, sistemas de crenças com os quais as pessoas se podiam identificar e que, por isso, podiam usar para reforçar a sua falsa noção de identidade. As religiões concediam às pessoas o pretexto para se sentirem «certas» em oposição aos outros, que estavam «errados», e, por conseguinte, ajudavam-nas a definir a sua identidade com base nos seus inimigos, os «outros», os «descrentes» ou «mal-crentes», encontrando com frequência justificação para os matar. O Homem criou «Deus» à sua imagem. O eterno, o infinito e o inominável foram reduzidos a um ídolo mental, no qual se tinha de acreditar e o qual se tinha de venerar como o «meu deus» ou o «nosso deus».

No entanto... no entanto... apesar de todos os atos de loucura cometidos em nome da religião, a Verdade para a qual apontam ainda brilha no seu âmago. Continua a brilhar, por mais ténue que seja o brilho, por baixo das várias camadas de distorção ou má interpretação. Porém, é pouco provável que sejamos capazes de perceber esse brilho se nunca tivermos tido pelo menos vislumbres dessa Verdade dentro de nós mesmos. Ao longo da História, houve sempre raros indivíduos que viveram uma mudança de consciência

e que, desta forma, se aperceberam dentro de si próprios d'Aquilo para que todas as religiões apontam. Para descrever essa Verdade não conceptual, utilizaram então a estrutura conceptual das respectivas religiões.

Por intermédio de alguns destes homens e mulheres, no seio das principais religiões desenvolveram-se escolas ou movimentos que representavam não só uma redescoberta, mas também, em alguns casos, uma intensificação da luz da doutrina original. Deste modo, nasceram no seio do Cristianismo inicial e medieval o gnosticismo e o misticismo, o sufismo na religião islâmica, o chassidismo e a cabala no Judaísmo, o advaita vedanta no Hinduísmo e o zen e o dzogchen no Budismo. A maior parte destas escolas eram iconoclasta. Elas fizeram desaparecer camadas e camadas de estruturas de conceptualização morta e de sistemas mentais de crenças, o que fez com que a grande maioria fosse vista com desconfiança, e muitas vezes até com hostilidade, por parte das hierarquias religiosas oficiais. Ao contrário da religião dominante, os seus ensinamentos acentuavam a compreensão e a transformação interior. Foi através destas escolas ou movimentos esotéricos que as principais religiões recuperaram o poder transformador dos ensinamentos originais, embora, na maior parte dos casos, apenas uma pequena minoria de pessoas pudesse ter acesso a eles. Este pequeno grupo nunca foi suficientemente grande para causar um impacto significativo na inconsciência coletiva profundamente enraizada na maioria das pessoas. Com o tempo, até algumas destas escolas se tornaram demasiado rígidas ou conceptualizadas para surtirem efeito.

Que papel desempenham as religiões oficiais no despertar da nova consciência? Há muitas pessoas que já estão conscientes da diferença entre espiritualidade e religião. Compreendem que ter um sistema de crenças — um conjunto de pensamentos que consideramos ser a verdade absoluta — não nos torna espirituais, independentemente da natureza dessas crenças. Na realidade, quanto mais fazemos dos nossos pensamentos (das nossas crenças) a nossa identidade, mais afastados estamos da dimensão espiritual dentro de nós. Muitas pessoas «religiosas» estagnaram a este nível. Equiparam a verdade ao pensamento e, uma vez que se identificam totalmente com o pensamento (com a mente), afirmam estar em poder da verdade, numa tentativa inconsciente de proteger a sua identidade. Não se apercebem das limitações do pensamento. Se não acreditarmos (pensarmos) exatamente naquilo em que elas acreditam, estaremos errados aos olhos delas e, num passado não muito distante, esse facto teria sido justificação suficiente para nos matarem. E, por vezes, ainda hoje continua a ser assim.

A nova espiritualidade, a transformação da consciência, está a surgir, em grande medida, fora das estruturas das religiões institucionalizadas. Sempre existiram elementos espirituais, inclusive nas religiões dominadas pela mente, apesar de as hierarquias institucionalizadas geralmente se sentirem ameaçadas por esses mesmos elementos e tentarem suprimi-los. Uma grande vaga de espiritualidade fora das estruturas religiosas constitui um desenvolvimento completamente novo. No passado, esta vaga teria sido inconcebível, sobretudo no Ocidente, onde a cultura está mais dominada pela